

A RELAÇÃO DO TURISMO NO DELTA DO PARNAÍBA COM COMUNIDADES LOCAIS

THE RELATIONSHIP BETWEEN TOURISM AT THE DELTA OF THE PARNAIBA AND THE LOCAL COMMUNITIES

José Arnaldo Souza Machado Júnior¹

João Paulo Macedo²

¹ Turismólogo e mestrando em Cultura e Sociedade/UFBA, Graduado em Turismo/UFPI. arnaldojunior.jr@hotmail.com

² Doutor em Psicologia/UFRN, professor adjunto do curso de Psicologia/UFPI. jampamacedo@gmail.com

Recebido em 27.03.2015

Aprovado em 01.06.2015

RESUMO

Este estudo enfatiza a relação do turismo do Delta do Parnaíba com as comunidades locais, especialmente aquelas que fazem parte da rota turística de visitação às ilhas da região. Para tanto, foi destacado a percepção dos moradores da comunidade Pedrinhas em Araiões/MA, acerca das relações do lugar, com a atividade turística na região do Delta. Partiu-se de um estudo qualitativo, com uso de entrevistas semiestruturadas com moradores locais. O tratamento dos dados foi com base na análise de conteúdo. Como resultados, observou-se que os entrevistados acreditam que a atividade turística na região está voltada para grandes empresas e que exige infraestrutura elevada, sem perceber a potencialidade que a comunidade possui para o turismo de base local, o ecoturismo e turismo cultural. Desse modo, acredita-se que a participação comunitária para o desenvolvimento turístico da região é de suma importância para que a mesma seja beneficiada com esse tipo de atividade. Portanto, conclui-se que a comunidade Pedrinhas, apesar de não exercer o turismo, como atividade econômica, o mesmo ocorre de várias formas no local, e nesse contato os moradores recebem influências culturais que são incorporadas em seu modo de vida, sem que eles assim as percebam, pois esse processo é lento e requer o contato não apenas dos turistas, mas da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ecoturismo. Delta do Parnaíba. Comunidades.

ABSTRACT

This study emphasize the relationship between tourism at the Delta of the Parnaiba and the local communities, especially those who are part of the touristic route of visit to the islands of the area. Therefore, it will highlight the perception of the Pedrinhas's dwellers in Araiões/MA about the relationship between the community and the touristic activity at the Delta of the Parnaiba area. It started as a qualitative study, using semi-structured interviews with the community dwellers. Data processing was based on content analysis. As a result, it was perceived that the community believes that the touristic activity is only directed to large companies and that it requires a high infrastructure, without realizing that measures as the locally-based tourism, the ecotourism and cultural tourism can be developed without the need for large equipment. Hence, it is believed that the community involvement is paramount importance so that it can be benefited from tourism. Therefore, it was concluded that Pedrinha's community might not exercise the tourism like a economic activity but it occurs in many ways on local, and in this contact the dwellers receive cultural influences which are

incorporated in their way to live, without them to realize, because the process is slow and requires the contact not just from the tourists but the community.

KEY WORDS: Ecotourism. Delta of the Parnaíba. Communities.

1. INTRODUÇÃO

De forma abrangente, observa-se que o turismo, provavelmente por ter em sua essência a finalidade econômica, está mais voltado para o desenvolvimento de grandes complexos e redes de negócios turísticos, gerando uma padronização dos serviços prestados. Como resultado, as culturas locais acabam deslocadas desse processo em detrimento do desenvolvimento econômico das grandes cidades, com roteiros e locais de visitação voltados para o lazer, o entretenimento e o consumo (LICKORISH; JENKINS, 2000). Contudo, há segmentos do turismo, que se preocupam com as tradições locais, com o modo de vida, a cultura e as identidades locais.

Na atualidade, há um mercado organizado para este setor, com cadeia produtiva bem estruturada e diversificada com várias ramificações e conexões com outros setores. Isso tem provocado mudanças conceituais e em diretrizes de proteção à cultura, bem como no perfil desse tipo de turista e na relação do turismo com as culturas locais (BRASIL, 2010).

O Mistério do Turismo (2006, p.13) define o turismo cultural como aquele que:

[...] compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Em outras palavras, tal segmento acaba por desenvolver suas atividades voltadas para o público que possui o interesse na cultura de determinadas destinações, associada a grandes conjuntos arquitetônicos, museus e casas de cultura, monumentos, sítios históricos e/ou arqueológicos, espaços e eventos religiosos, roteiros gastronômicos, festivais e manifestações populares, dentre outros. Assim, o turista poderá conhecer e vivenciar atrativos culturais, bem como o modo de vida tradicional e/ou as manifestações culturais que compõem determinado cenário e identidade local.

Segundo Lickorish e Jenkins (2000), até meados da década de 1970, a maior parte de estudos científicos acerca do turismo eram centradas no fator econômico da atividade e pouca atenção era dada entre turistas e a comunidade local.

Outro segmento que expressa preocupação com as realidades locais, especialmente com a necessidade de conversação tanto com os elementos que configuram o patrimônio natural quanto com o cultural, proporcionando discussão para novas formas de uso e fruição dos espaços pelos turistas, porém, de forma sustentável, é o Ecoturismo (BRASIL, 2010).

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003) ressalta que o Ecoturismo tem recebido muita atenção dos viajantes de todo o mundo. E que, segundo projeções desse organismo internacional, o segmento do Ecoturismo representa 5% do turismo mundial, com perspectiva de crescimento de 20% ao ano. Os países da América Latina, em função de suas reservas naturais, representam os destinos turísticos mais promissores para esse tipo de segmento. Dentre os países que desenvolvem atividades de Ecoturismo pode-se destacar: Belise e Costa Rica, além do Peru, que tem associado de forma articulada o segmento do Ecoturismo com o Turismo Cultural.

No caso brasileiro, o Ecoturismo tem recebido tratamento diferenciado desde a proposição das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, por um grupo interministerial e representantes da sociedade civil. Apesar dos entraves burocráticos e administrativos financeiros para a realização de programas e projetos, pode-se destacar, dentre outros, o arquipélago de Fernando de Noronha/PE e Bonito/MS como referências na destinação turística neste segmento no país. Este último foi eleito pela décima segunda vez consecutiva como o melhor destino de Ecoturismo do Brasil pela revista 'Viagem e Turismo' em 2013 (PASCHOAL, 2013).

No presente trabalho, destacamos o Delta do rio Parnaíba, também conhecido como Delta das Américas, localizado na região nordeste do país, entre os estados do Maranhão e Piauí, que possui grande vocação ecoturística, científica e turística cultural. O reconhecimento nacional e internacional da área do Delta do Parnaíba para o Ecoturismo tem atraído diversos segmentos da iniciativa privada, com o apoio estatal, para o desenvolvimento da região. No entanto, há a preocupação da relação da atividade turística com as comunidades locais, no sentido de que o desenvolvimento também contemple as pequenas localidades e populações ribeirinhas, preservando e afastando as práticas

predatórias que agridem o ecossistema e a biodiversidade, além das formas de organização social e cultural da região.

Deste modo, entendemos como fundamental conhecer as percepções dos moradores de Pedrinhas/MA, acerca das relações da comunidade com a atividade turística na região do Delta. Tal proposta se fundamenta no fato de Pedrinhas e outras seis comunidades ribeirinhas estarem inseridas no corredor turístico do Delta e áreas de entorno, sendo importante considerar a percepção e a participação desses moradores para o desenvolvimento sustentável da região.

Este estudo possui um caráter exploratório envolvendo uma análise qualitativa, realizada na comunidade outrora citada. Os instrumentos escolhidos para coleta de dados foram entrevista semiestruturada, observação participante e diário de campo. As entrevistas foram realizadas com integrantes da comunidade, no período entre abril e maio de 2014, tendo como critério de escolha a identificação de atores com importante nível de inserção nas atividades e organização política local. No total foram pesquisados 14 indivíduos, contemplando os seguintes segmentos populacional: cinco idosos, quatro adultos e cinco jovens.

2. DESENVOLVIMENTO

O Delta do Parnaíba surge a partir do encontro entre o Rio Parnaíba e o Oceano Atlântico. Ao aproximar-se do Oceano Atlântico, o Rio Parnaíba ramifica-se entre os estados do Maranhão e Piauí formando um grande estuário em forma de Delta, o único em mar aberto das Américas. Em todo o mundo existem somente mais duas formações semelhantes: no Rio Nilo, continente africano; outro no Rio Mekong, no continente asiático.

A área territorial do Delta do Parnaíba é cerca de 2.750 Km² (GUZZI, 2012), com 65% da área localizada no Maranhão e 35% no Piauí. É formado por aproximadamente 80 ilhas e ilhotas, cercadas por rios, igarapés e baías, além de cinco barras: do Caju, Melancieiras e Tutóia, no Maranhão; Canárias, entre o Maranhão e Piauí; e Igarapu, no Piauí (MACHADO, 2009). A região é grande produtora de caranguejo-uçá, exportando-o para várias regiões do país e principalmente para a cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará.

Dentre as muitas comunidades ribeirinhas do Delta, pode-se destacar Tatus, Carnaubearas e Pedrinhas, por possuírem as melhores localizações geográficas para visitação às ilhas da região, portanto, estratégicas na elaboração e implementação do plano de manejo de conservação. Tatus é a mais estruturada e já possui um vasto histórico de trabalhos científicos, por possuir grande demanda turística. Carnaubearas, apesar de possuir uma infraestrutura portuária mínima, só agora começou a trabalhar o turismo, com pouca participação da comunidade local, visto que a maioria dos turistas são oriundos de agências do estado do Maranhão. Para fins dessa pesquisa, foi escolhida a comunidade Pedrinhas por ser a menor dentre as três e possuir uma localização estratégica continental próxima a Ilha do Caju, que é a mais famosa e conhecida ilha do Delta do Parnaíba.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE PEDRINHAS

Pedrinhas é uma pequena comunidade com cerca de 68 famílias, localizando na zona rural do município de Araióses/MA, estando aproximadamente à 30 Km da sede municipal. A comunidade possui dois portos, Porto Grande e Porto da Onça, entretanto sem infraestrutura para tanto. A comunidade vive principalmente da cata do caranguejo-uçá, que é a principal atividade econômica do local, sendo ainda uma atividade tradicional que é repassada de pai para filho por várias gerações. Além do caranguejo, existe a pesca artesanal de peixes e frutos do mar diversos. A localidade ainda desenvolve atividades agrícolas e a comercialização de frutas locais.



Figura 1: Localização da Comunidade Pedrinhas

Fonte: ICMBio (2014, com alterações do autor)

2.2. ASPECTOS SÓCIO ECONÔMICOS E TURÍSTICOS

Conforme dados obtidos através de pesquisa de campo, constatou-se que a principal fonte de renda da comunidade é a cata do caranguejo-uçá, seguida pela pesca e agricultura, destacando-se o cultivo da mandioca para fazer farinha. No passado, por volta da década de 1970 a principal fonte de renda era pesca, sendo complementada pela agricultura. Nesse período também houve grande procura pela extração e beneficiamento da casca de mangue (parte externa do caule do mangue, que era comercializado como matéria prima de produtos diversos), que também teve muita importância na comunidade antes do surgimento do interesse econômico pelo caranguejo-uçá.

A mudança da atividade econômica para cata do caranguejo-uçá deu-se ainda na década de 1970, devido a abundância da espécie no local e a procura do crustáceo para comercialização no litoral piauiense e especialmente cearense. Apesar do baixo valor comercial que era repassado pelos atravessadores, os moradores conseguiam lucrar com a venda devido a abundância do crustáceo no local. Os relatos colocavam que um catador produzia cerca de 60 a 100 cordas por dia de caranguejo, sendo que cada corda contém quatro unidades do crustáceo.

Hoje, com o aumento da procura e o surgimento de novos catadores, o crustáceo tem diminuído cada vez mais e seu valor comercial tem aumentado, apesar de que o ganho de quem extrai é quase nada, comparado ao montante produzido. Este fato tem sido o motivo de muitos catadores terem deixado o ofício nos últimos anos e procurado novas alternativas de renda.

Agora o caranguejo está mais difícil e já tem gente desistindo do trabalho[...]. O caranguejo diminuiu muito, sendo que os compradores querem um caranguejo grande, com 8 cm, mas está impossível achar esse caranguejo. É difícil encontrar porque a demanda é muito grande, ainda tem muita gente na atividade da cata de Tutoia até Carnaubeiras. Por outro lado, só agora é que o pessoal passou a se preocupar e não estão pegando tudo, é preciso escolher e separar os que são muito pequenos para soltar. Era para ser assim desde o início, para hoje não pagar o preço. (ENTREVISTADO 7; 50 ANOS).

Com a grande demanda nos últimos anos, a atividade da cata tem se tornado cada vez menos rentável, segundo alguns moradores, há cinco anos, um catador obtinha o ganho de R\$ 1000,00 por mês somente com o caranguejo. Hoje, em um mês bom, o catador não consegue R\$ 500,00. Isso mostra que a atividade tem decaído muito em um curto período de tempo, se for levado em conta à importância econômica que a atividade possui em muitas comunidades do Delta. Esse dado, pode ser considerado alarmante, pois os moradores das comunidades que vivem da cata do caranguejo, como

é o caso de Pedrinhas, terão a necessidade de buscar outras formas alternativas de renda, a fim de compor as já existentes para que não tenham a necessidade de sair para outras localidades em busca de melhores condições de vida, como vem acontecendo.

Nesse contexto o turismo de base comunitária pode ser uma fonte alternativa de renda na comunidade já que a cata do caranguejo tem diminuído, além de contribuir para ações de preservação e conservação. Na visão de Pérez (2009), o turismo enquanto atividade complexa e mutável, multifacetada e multidimensional, não pode resumir-se exclusivamente a atividade de negócio, marketing ou gestão de produtos.

Por outro lado, mesmo possuindo várias vertentes, como observados nos estudos de Pérez (2009), de todo modo, o turismo, em sua essência, é uma atividade fomentadora da economia, pois como toda atividade econômica, busca ganhos ou lucro. Assim, para muitos, a atividade turística acaba significando apenas a operação de grandes empresas de vários segmentos, com circulação de pessoas, serviços e valores, com foco no consumo de bens, lugares e produtos.

Para população investigada, quando perguntados se há alguma atividade turística na comunidade, muitos moradores disseram que não há; enquanto outros afirmaram que sempre passam turistas por lá, mas não param; e outros afirmaram que sempre aparecem pessoas que não são da comunidade circulando pela localidade, mas não possuem contato direto.

Acho que não tem turismo aqui em Pedrinhas. Eu acho que não tem porque ninguém nunca investiu nesses negócios de turismo, que nem a gente vemos em outros lugares (ENTREVISTADO 1; 30 ANOS).

Passa muito turista por aqui. Tem um rapaz de Paulino Neves (município da região) que vai deixar gente lá em Carnaubeira (outra comunidade) e passa por aqui sempre quando faz esse trajeto. No verão sempre passa por aqui duas, três vezes por semana (ENTREVISTADO 7; 50 ANOS).

Analisando as duas falas, verifica-se percepções diversas sobre o turismo na localidade. Ora os entrevistados não consideram o turismo na comunidade, talvez por considerá-lo como uma atividade mais complexa com a presença de um quantitativo grande de ações turísticas na localidade, ora referem que há um trânsito de pessoas na localidade, mesmo de passagem. Os entrevistados, apesar da divergência, apresentam visão distorcida ou limitada sobre o que é a atividade turística, não

visualizando outras ações do setor voltados para públicos específicos e minorias, a exemplo do turismo ecológico e cultural que podem ser desenvolvidos em uma perspectiva comunitária. Neste caso, diferentemente das representações de alguns moradores, certas atividades turísticas não necessitam de grande infraestrutura, pois estão baseadas na interação da comunidade, seu modo de vida, cultura e preservação do ambiente.

Aqui não tem um restaurante, a gente não tem uma pousada, uma lanchonete. Então a partir do momento que aparecer mais gente de fora, seria uma oportunidade de desenvolver o trabalho que aqui não tem (ENTREVISTADA 3; 39 ANOS).

Entretanto também há os que enxergam o turismo como uma boa alternativa de renda e que merece atenção da comunidade. De todo modo, deve-se atentar que o turismo não pode ser considerado como o grande instrumento de progresso e resolução dos problemas locais, pois se não planejado pode trazer impactos negativos, proporcionando danos irreversíveis à comunidade. Para tanto, é necessário que a comunidade tenha conhecimento dos impactos sociais, econômicos e ambientais causados pela atividade.

De certa forma, em contraposição ao que a comunidade afirma em relação a não existência de atividade turística no local, pode-se perceber através de alguns relatos e a observação participante, que há sim atividade, porém de forma pouco frequente e não estruturada. Notou-se, grupos de visitantes, principalmente parentes e amigos de moradores, que vão com frequência à comunidade. Nestas visitas, como a grande maioria dos residentes são pescadores, há muitas embarcações, e quando não estão sendo utilizadas na pescaria, servem para levar esses visitantes há algumas ilhas do delta, para contemplação e visitação a praias por entretenimento. Mas pelo fato de os visitantes não serem estrangeiros, ou não figurarem o perfil de visitantes que apenas consomem serviços e lugares e quase não criam vínculos com a localidade, os moradores de Pedrinhas não percebem aquelas visitas como atividade turística.

Outro exemplo é quando os visitantes costumam acompanhar os moradores na pescaria e cata do caranguejo, mesmo que fiquem só observando. Pelo fato desta ser uma atividade incomum para o tipo de turismo que normalmente circula na região do Delta, os moradores não a reconhecem como turística. Desse modo, pode-se afirmar que há atividades ecoturísticas na localidade, apesar de muito pontuais e esparsas, já que não há uma organização da atividade, além da arrecadação financeira não

ser vultosa, este fato também pode ser o motivo do não reconhecimento da atividade, por parte dos moradores.

Como relatado, grande parte dos moradores locais não consideram o turismo presente, entretanto há quem acredita e pretende trabalhá-lo e difundi-lo aos demais. A comunidade possui grande potencial ecoturístico a ser desenvolvido, a exemplo de trilhas ecológicas e passeios alternativos nas ilhas do Delta; disposição dos moradores locais em efetivar hospedagem comunitária e familiar a baixo custo; valorização da culinária e modos de vida local; atividades voltadas ao mangue, como visitas guiadas que proporcionem ao ecoturista a visualização do modo de extração do caranguejo-uçá dentro do seu *habitat*; passeio de canoa a remo e/ou pelo mangue com o intuito de observação de animais, observação de pássaros, também podem ser desenvolvidos. No entanto, para que sejam oferecidos tais serviços, é necessário um planejamento e um estudo que mostre a viabilidade de cada atividade, sem desconsiderar a necessidade de proteção e conservação do lugar.

2.3. ASPECTOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS

Identidade sendo algo que define um indivíduo ou o ambiente em que ele vive, pode desse modo retratá-lo e caracterizá-lo como algo que será reconhecido, positiva ou negativamente, para o meio exterior. Neste contexto, Santos (1993, p.31) afirma que identidade é na verdade “identificações em curso”, pois está em constante movimento, podendo mudar e sofrer influências do meio. Desse modo, entende-se por identidade, como algo que não é estático e sempre muda conforme as experiências vividas.

A cultura de um povo está diretamente relacionada com as suas identidades, pois é através delas que ele se identifica junto ao meio que habita e constrói sua vida. Assim, pode-se dizer que cultura e identidade possuem conceitos inter-relacionados. Kashimoto et al. (2002) ao analisar vários conceitos, afirma que cultura abrange diferentes aspectos da vida, como: conhecimentos técnicos, costumes relativos a roupas e alimentos, religião, mentalidade, valores, língua, símbolos, comportamento sociocultural e econômico, formas culturais de tomar decisões, exercer o poder, atividades produtoras, e relações econômicas, entre outras.

O modo de vida, tradições, atividades econômicas, dentre outros aspectos que formam a identidade, são de fato responsáveis pela caracterização de um povo. Segundo dados levantados em entrevista

aos moradores da comunidade de Pedrinhas, as principais tradições apontadas são: o festejo de Santo Antônio, a roça, a pesca, farinhada, pacamão com coco, dentre outras. Conforme relata um morador local, “trabalhar na roça é o que a gente considera a nossa tradição, que a gente já trabalha desde pequeno, aí nossa tradição é essa.” (ENTREVISTADO 1; 30 ANOS). Desse modo pode-se observar que a atividade econômica da comunidade está muito ligada ao modo como a mesma, vê suas tradições e as relaciona no todo cultural da comunidade.

Apesar do forte vínculo cultural que a comunidade possui em relação a suas tradições, a mesma não pode ser considerada como uma comunidade tradicional, por não se autocaracterizar de tal forma, elegendo uma tradição como hegemônica no local, os povos tradicionais que viviam no Delta com o tempo foram se desvaindo.

Entretanto, a maioria dos entrevistados identificou o festejo religioso como a maior e principal tradição local, sendo festejado desde a chegada dos primeiros moradores até os tempos atuais, por cerca de 100 anos. Em uma das entrevistas, um morador mais idoso, relata que a primeira igreja que foi construída na comunidade pelos moradores, foi feita com tijolos de barro e cascalho de ostra, materiais muito comuns na região. “Fizeram essa igreja carregando tijolo na cabeça e cascalho de ostra, que eles iam buscar na Barreirinha (outra comunidade da região), só que a pé” (ENTREVISTADO 9; 65 ANOS).

Levando em conta as faixas etárias, pode-se perceber que os jovens e até mesmo alguns adultos não possuem um grande domínio das tradições da comunidade, pois quando perguntados sobre as tradições locais as respostas foram vagas, e quase sempre era nítido a falta do conhecimento acerca do assunto, como pode ser observado na fala de alguns jovens moradores da comunidade. “Hum, não sei... tradições eu considero aqui o festejo, só não sei por que” ENTREVISTADO 10; 22 ANOS). “Não, no meu tempo já tinha passado aquela... dos índios que morava por aqui” (ENTREVISTADO 4; 17 ANOS).

Tais respostas levam a discutir como, e se as tradições locais são transmitidas para as gerações mais jovens. Quando essa pergunta foi feita aos jovens, todos responderam que sim, por outro lado quando perguntado aos adultos e idosos se as tradições são repassadas para os jovens, a grande maioria

respondeu que não, sendo apontada a falta de interesse dos jovens a causa das tradições não serem repassadas.

Sim, é repassada sim, sempre eles contam, as pessoas mais velhas contam pra gente. Mas só escuta quando falam, mas de procurar assim para saber mesmo não, eu não vejo muito isso não, só quando uma história aparecesse assim quando tá contando um mais velho, aí a gente chega e escuta mais de saber, de procurar a origem daqui eu não conheço assim que vai atrás não (ENTREVISTADO 14; 17 ANOS).

De certo modo, a história e as tradições locais estão sendo repassadas, o que deve-se identificar, é até que ponto esse processo chega nos jovens? Como no relato acima, as histórias são contadas, mas não porque alguém buscou, simplesmente surgem de maneira natural, até mesmo pela necessidade que as pessoas têm em compartilhar a vida cotidiana com os familiares.

Partindo das tradições locais apontadas pelos entrevistados, observa-se que muito pode ser feito, a fim de buscar benefício à comunidade. O turismo cultural, possui um grande leque de opções que podem ser aderidas pela comunidade, proporcionando um uso para o turismo aos atrativos culturais locais, inclusive voltado para conservação e preservação.

Como atrativos culturais destacam-se: o festejo religioso de Santo Antônio, o artesanato da palha do coqueiro, que é feito tradicionalmente pelas mulheres para uso doméstico (com o aprimoramento das técnicas e a entrada de novas, o artesanato local pode ser um grande produto para o turismo); a culinária local, que é muito voltada a frutos do mar (muitas receitas locais utilizam o leite de coco, que proporciona um sabor local ao alimento); contação de histórias (rodas de conversa), atividades voltadas à roça (plantio de mandioca, feijão e milho; conforme costumes locais), atividades voltadas à produção de farinha nas Casas de Forno também podem ser trabalhadas com certos perfis de turistas culturais; e festividades juninas.

Com o desenvolvimento dessas atividades voltadas para a atração de turistas que visitam o delta, a comunidade pode se beneficiar economicamente com a presença do turismo no local, além de manter suas tradições. Pois as tradições formam a identidade e a partir do reconhecimento dos autóctones como parte de sua identidade, as mesmas serão mantidas.

2.4. DELTA DO PARNAÍBA: EFEITOS DO TURISMO NA COMUNIDADE

Conforme Mendes (2007), o Rio Parnaíba possui grande importâncias econômica e cultural, pois historicamente, a partir de 1858, com a criação da Companhia de Navegação do Rio Parnaíba, o rio tornou-se a principal via de transporte e escoamento de produção de norte a sul do estado.

No Piauí, a ausência e precariedade de estradas de rodagem que dificultavam o escoamento de produção, recebimento de mercadorias, e as comunicações de um modo geral, levava o governo provincial, comerciantes e pecuaristas a juntarem esforços para viabilizarem a 'Estada Natural' que integrava toda a província: o Rio Parnaíba (IBIDEM, 2007, p.27).

Ao aproximar-se do oceano atlântico, sua foz forma um grande estuário em forma de triângulo, lembrando a letra grega delta. Desse modo surge o Delta do Rio Parnaíba, que divide-se entre os estados brasileiros Maranhão e Piauí.

O Delta do Rio Parnaíba é a única formação geomorfológica dessa natureza nas Américas, e a terceira do mundo. São cerca de 80 ilhas, antes habitadas por índios Tabajaras, que se dividem em cinco ramificações e chegam até o mar. Semelhante a este delta só o Rio Nilo na África, e o Mekong, na Ásia (SESC, 1996, s/p.).

Sobreposta à Área de Proteção Ambiental (APA) existe a Reserva Extrativista (RESEX) do Delta do Rio Parnaíba, que como a APA, segundo o SNUC está enquadrada no grupo de Unidades de Uso Sustentável e caracteriza-se por ser:

Uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos, proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (SNUC, 2000, Art. 18.).

A RESEX Delta do Parnaíba, segundo dados do ICMBio (s/n, 2014) possui uma área de 27.021,65 hectares, abrangendo toda Ilha das Canárias e seu entorno. A comunidade Pedrinhas não estar inserida dentro da RESEX, entretanto encontra-se em seu entorno, margeando a reserva de modo a ser usuária.

O turismo, nos últimos anos tem se apropriado de muitas áreas de proteção a fim de desenvolver suas atividades. Este fato pode ser observado com mais frequência nos parques nacionais, podendo ser destacado o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, no Maranhão; o Parque Nacional de Sete

Cidades e Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí; o Parque Nacional de Jericoacoara no Ceará; e o Parque Nacional de Fernando de Noronha no estado de Pernambuco.

De certo modo, o turismo tem estado cada vez mais presente no delta. Do Porto dos Tatus, no município de Ilha Grande/PI, saem diariamente embarcações com fins turísticos em direção aos vastos rios e Igarapés, o mesmo ocorre no Porto de Carnaubearas só que com menos frequência. Sabe-se, que o turismo afeta o modo de vida das comunidades, mas até que ponto isso pode ser considerado positivo ou negativo?

A ascensão do turismo como uma importante atividade em áreas protegidas transformou permanentemente a cultura tradicional de uso de várias áreas, pois introduziu um novo participante, estranho e hostil aos olhos dos consumidores tradicionais [...]. O turismo é visto como um explorador de parques que consomem recursos com o objetivo de gerar lucros comerciais, na maioria das vezes a um custo ambiental inaceitável (MCKERCHER, 2002, p.285).

Acerca do ecoturismo, muito se discute o modo como ‘ocorre’ na região, pois muitas agências se apropriam do termo e vendem serviços, não-ecoturístico, proporcionando ao turista uma falsa ilusão da atividade; resta salientar sua representatividade econômica e cultural para população local.

Como a pós-modernidade, o conceito de identidade tem passado por um processo de mudanças, pois como sendo algo que caracteriza o ser consigo mesmo, ela muda quando a relação Homem / meio social muda, pois estão interconectadas, como afirma Hall (2005) em seus estudos acerca da identidade cultural, segundo ele:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um indivíduo unificado. Assim chamada “crise de identidade” é vista como um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (IBIDEM, 2005 p. 7).

De fato, a identidade local é afetada pelo turismo e as populações estão sempre se renovando e incorporando novos hábitos em seu cotidiano, mais como saber se isso será positivo já que essas mudanças são lentas e imperceptíveis. O turismo, mesmo que vise à preservação do meio ambiente, sempre gera impacto, pois o contato com outras culturas proporciona um relacionamento que pode ser amigável ou não, entre os visitantes e visitados.

Nas grandes cidades turísticas, por já haver uma demanda consolidada, o impacto cultural é mais perceptível. Por outro lado, deve-se levar em conta o impacto social que ele possui nas pequenas comunidades do entorno de grandes regiões turísticas, pois apesar de as mesmas não sofrerem influência direta, estão inseridas no contexto geral e fazem parte da atividade mesmo que involuntariamente e este contato podendo ser positivo ou não, afeta de certo modo sua cultura.

Segundo a pesquisa de campo realizada na comunidade Pedrinhas, observou-se que o turismo na comunidade não é tão frequente como constatado em outras comunidades do Delta, entretanto tem sido pensado por alguns moradores como uma alternativa de renda por ocasião da cata do caranguejo ter diminuído nos últimos anos e também uma maneira de manter os jovens na comunidade.

O serviço que tem aqui é o caranguejo e eles (os jovens) querem cair fora para ganhar mais. [...] se o turismo chegar aqui e eles botarem um trabalho pra eles trabalhar, para sobreviver, tem como eles ficar aqui, porque aqui não tem serviço nenhum pra eles (ENTREVISTADO 9; 65 ANOS).

Quando perguntados sobre o que acham sobre o turismo, a maioria respondeu que seria bom. Ou seja, se a comunidade participasse da atividade turística e em troca disso recebesse benefícios econômicos, o turismo seria positivo.

De todo modo, o turismo em si, ocorre frequentemente em torno da comunidade e até mesmo em seu interior, no entanto é a comunidade que não busca familiarizar-se e desenvolver produtos que justifiquem a parada do turista no local e que não ocorra somente a contemplação sem consumo, que é o que mais ocorre.

Um dos fatores apontado pelos entrevistados foi a falta de comunicação entre os órgãos públicos, os comunitários relatam que sem o apoio do poder público não há como desenvolver o turismo.

Se tivesse mais um acompanhamento seja de prefeitura seja da... dos órgãos responsáveis, dos dois lados que vem fazendo esse trabalho, se as duas coisas se juntassem, seria bem mais positivo pra gente aqui da comunidade (ENTREVISTADO 3; 39 ANOS).

No entanto, um grande problema enfrentado nas comunidades é a falta de interesse em desenvolver algo novo, como relata um morador da comunidade:

Se você tem interesse por um lado, por outro já tem muita gente que não tem, porque não tem o conhecimento, que é isso que depende do conhecimento. Se eu disser 'ah vamos trazer o turista pra cá' o pessoal vai é mangar da gente, esse ai é o negócio (ENTREVISTADO 7; 50 ANOS).

O principal efeito do turismo que ocorre atualmente nas comunidades do Delta, é um modelo capitalista que visa somente o lucro das empresas privadas, gerando uma exclusão da população local. Isto pode acarretar sérios problemas socioambientais, pois como o turista do delta, tem uma visão somente artificial proporcionada pelas agências, não será sensibilizado da importância de preservá-lo, aproximando cada vez mais o turismo de massa para região. “[...] Há a apreensão de que a indústria do turismo passe a ser usuária exclusiva de determinadas áreas, o que resultaria em mais restrições [...]” (MCKERCHER, 2002, p.286).

Com a participação da comunidade local, o turista que procurar o delta, buscará conhecer o local mais intimamente, através dos moradores, sendo sensibilizado da importância cultural e econômica que a região tem para os residentes e a importâncias de preservá-la, além de proporcionar subsídio econômico para a comunidade.

Os efeitos proporcionados pelo turismo serão menores, se assim os moradores participarem da atividade. Desse modo, com a comunidade forte e unida, a luta pelos seus direitos será mais fácil. A grande questão do turismo de base local é o interesse comunitário, sem ele, nada consegue seguir em frente. Há uma associação de moradores em processo de abertura [em Pedrinhas], entretanto muitos dos residentes que apoiaram a ideia no início, com a efetivação, desistiram. Com isso a associação perde forças, pois sem o apoio da comunidade muito pouco pode ser feito. Ademais, os benefícios são lentos e não se conseguem tão facilmente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que a comunidade Pedrinhas, apesar de não exercer o turismo ecológico e/ou cultural, como atividade econômica, o mesmo ocorre de várias formas no local, e nesse contato os moradores recebem influências culturais que são incorporadas em seu modo de vida, sem que eles assim as percebam, pois esse processo é lento e requer o contato não apenas dos turistas, mas da comunidade.

A comunidade também acredita que o turismo está somente voltado para grandes demandas e exige uma infraestrutura elevada. Quando na verdade, pode ser desenvolvido em pequenas comunidades que buscam um determinado perfil de turista que proporcione um equilíbrio entre preservação do ambiente natural e atividade turística, por meio de segmentos como ecoturismo e turismo cultural.

Em contraposição a isso, observou-se que um turismo baseado no modelo capitalista que visa o lucro principalmente de empresas privadas, está muito presente na região e aproxima-se cada vez mais das comunidades locais. Esse turismo predatório pode trazer muitos problemas às comunidades, como: drogas e prostituição. Este fato tem sido observado em outros locais onde o turismo de massa se apropriou do ambiente comunitário.

Existem exemplos próximos, como Jericoacoara, que foi uma colônia de pescadores, com a chegada do turismo de massa a comunidade autóctone teve que se esvaír cada vez mais para dar espaço aos turistas. Para que isso não ocorra nas comunidades do delta, em especial em Pedrinhas, é necessária a união dos moradores, na tentativa de fortalecer o turismo de base comunitária a fim de proporcionar alternativas para que os efeitos do turismo no local seja o menos predatório possível.

De todo modo, a comunidade não considera o turismo como o vilão nas mudanças culturais que vem ocorrendo ao longo do tempo, por outro lado, acreditam que o mesmo venha a ser uma alternativa que venha a suprir o vácuo que o decaimento da cata do caranguejo-uçá tem tido nos últimos anos por meio do turismo ecológico, mas para que isso ocorra é necessário um planejamento onde a comunidade esteja inserida.

Os principais fatores que tem acarretado as mudanças culturais na percepção da comunidade foram: a chegada da energia elétrica e a estrada de barro; somente com a chegada deles, é que veio o turismo de forma lenta e imperceptível aos moradores.

Em relação ao turismo, contatou-se que, a comunidade possui interesse na atividade e vê através dele uma oportunidade de se desenvolver economicamente, também foi nítida a falta de conhecimento dos comunitários acerca dos efeitos negativos que a atividade turística pode proporcionar se não houver um devido planejamento. Para que isso seja evitado é de suma importância a união da comunidade a fim de proporcionar uma organização para que os benefícios advindo com o turismo sejam potencializados.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, H. G. A; LOPES, J. B.; BASTOS, M. E. G. **Aspectos do Licenciamento Ambiental da Carcinicultura na APA Delta do Parnaíba**. In: Ambiente & Sociedade. [s.p] Teresina, Vol. IX nº. 2 jul./dez. 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 70.ed. São Paulo: Persona, 1977.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8.ed. São Paulo: SENAC, 2003.
- BRAGA, Carolina Dias. **Dinâmica do sistema estuarino Timonha/Ubatuba (Ceará - Brasil):** considerações ambientais. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1356>> Acesso em: 25 Jul. 2014.
- MINISTÉRIO do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: [s.n], 2006. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf> Acesso: 03 Maio 2014.
- _____. **Turismo Cultural: orientações básicas**. Brasília: [s.n], 2006.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- GUZZI, Anderson (Org.). **Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense**. Parnaíba: EDUFPI, 2012. 216 p.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- INSTITUTO Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2246-apa-delta-do-parnaiba>> Acesso em: 28 abr. 2014.
- KASHIMOTO, Emília Mariko; et al. **Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento** in: Revista Internacional do Desenvolvimento Sustentável. Vol. 3, nº. 4, 2002.
- LICKORISH, Leonard J; JENKINS, Carsom L. **Introdução ao Turismo**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- MACHADO, Sebastiana Monteiro. **Araíóses: Já não mais Sou Enjeitado**. Araíóses: [s.n.], 2009.
- MCKERCHER, Bob. **Turismo de Natureza: planejamento e sustentabilidade**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Parnaíba: Educação e Sociedade**. Parnaíba: SIEART, 2007.
- OMT. Disponível em: <<http://media.unwto.org/es/press-release/2014-01-20/el-turis-mo-internacional-supera-las-expectativas-con-52-millones-llegadas-a>> Acesso em 12 de Maio 2014.
- OMT. **Introdução ao turismo**. Tradução Dolores Martins Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.
- PASCHOAL, Fábio. Disponível em: <<http://viajeaquibril.com.br/materias/bonito-m-elhor-destino-de-ecoturismo-premio-o-melhor-de-viagem-e-turismo-2012-2013>> Acesso em 12 Maio 2014.
- PÉREZ, Xerardo Pereira. **Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica**. In: Revista de Turismo y Patrimônio Cultural. Tenerefe (Espanha): Pasos, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira**. São Paulo: Tempo Social, 1993.

SESC, Piauí. **Delta**. Brasília: [s.n.], 1996.

SISTEMA Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9985.htm> Acesso em: 23 abr. de 2014 às 03:38.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1939.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Turismo Cultural, Ecoturismo e Ética**. Vol.3. São Paulo: Aleph, 2000.

WEARING, Stephen; NEIL, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manoele, 2001.